**O Ser Concreto em Aristóteles e Tomás de Aquino**

Por Renan Santos

**Algo há, algo é, algo está sendo**

O mundo à nossa volta pode parecer, e de fato por muitas vezes parece, um turbilhão de coisas enigmáticas, infinitamente distintas e caóticas, como uma massa opressiva de dados e fantasmas a ocuparem os nossos sentidos ininterruptamente, não importa sob que ângulo observemos. Por mais que a caleidoscópica e epiléptica civilização moderna reforce tal noção, esta é, na verdade, uma sensação que já angustiava mentes muito mais sábias e mais serenas do que as nossas. É também muito antiga a idéia de que todo este imenso real se traduz de diversas formas porque além do objeto há o sujeito que conhece. Consciência e mundo se apresentam imediatamente, e logo notamos, neste mesmo ato, que não compreendemos a totalidade do real, que somos apenas parte dele. No abrir de cortinas da consciência, a nossa primeira evidência é esta; a de que o mundo não é um bloco uno e monolítico, mas algo que se reparte, que secciona-se em diversas determinações. Em outras palavras, há uma primeira evidência que diz ao homem que há *algo*, e uma segunda evidência que lhe diz que ele não é esse algo, mas que participa dele. Acabamos por sentir que por detrás de todo esse espetáculo do real há um fundo, um palco a lhe sustentar. Dividimos todos, nós e os outros seres com os quais interagimos, uma mesma base. O Absoluto se nos escapa, mas permanece ali, aqui, em toda a parte. Como diz Mário, por mais que tudo mude, *algo* é que muda, e quando buscamos entender a realidade, só pode ser sobre esse *algo* que jogamos as luzes de nossas consciências.

Mas e por que este algo não se nos apresenta por inteiro? A pergunta já foi respondida: não somos tudo, e esta é a causa máxima de todas as nossas angústias. Limites e obstáculos impõem-se diante de nós o tempo inteiro, não só no mundo material como, principalmente, na atividade da consciência. Ao refletir, ao ponderar, o espírito busca realizar um desejo profundo: o de subir a escala das coisas e abarcar toda a realidade. Conforme atinge novos planos, se maravilha com a luz, se regozija na estabilidade e tem a impressão de que tudo será mais fácil. Mas ao olhar para baixo, vê que o seu mundo empírico ficou por demais distante, tênue e sem cor; o espírito então retorna ao seu ponto de origem, ansioso por voltar a experimentar aquelas sensações tão vívidas, que o recolocam em seu habitat natural; não demora muito, porém, e ele lamentará ter imergido novamente nas águas confusas, enquanto aquelas luzes do firmamento lá em cima tornam a ficar opacas, sem vida, fugidias.

Não são necessários muitos desses trajetos para que o espírito entenda que lhe é impossível, dentro dos esquemas humanos, viver ambos os mundos. A criação do céu e da terra o precedem, e o sujeito se vê como que jogado por entre eles, no eterno movimento de quem nunca se satisfaz com uma só morada. O verdadeiro filósofo busca conhecer o mundo como ele é, os seres em sua mais completa verdade, porque está é, como vimos, a ânsia do espírito, a sua vontade de potência, a sua máxima superação. Quer o sujeito dispensar-se das subidas e descidas pelo confuso espetáculo do mundo, que tanto lhe angustiam. Ora, é exatamente este o objetivo dos grandes sábios, o de poder abarcar todos os planos, o de se tornar um com o todo, com o absoluto, realizando aquilo que Mário chama de máxima concreção, o terceiro estágio da atividade mística.

E o que é isso que nos sustenta a todos e está em tudo? Esta é justamente a questão fundamental de todo o investigar filosófico, a busca pela ciência do ser em seu aspecto mais abrangente, que fundamenta a Ontologia, ou Metafísica Geral. Quando os escolásticos investigavam o ser, perguntavam-se *Quid est*? Que é isto? Que é esse algo perene, imutável? E mais, como conhecê-lo?

**O ÔNTICO E O ONTOLÓGICO**

Há uma distinção muito importante no próprio ato de conhecer o ser, que Mário faz questão de ressaltar: a ordem do ôntico e do ontológico. A análise dos vocábulos já nos auxilia neste sentido: o ôntico é captação do *ontos* sem o *logos*, do ser sem o discurso, sem a formalidade do conceito. O ôntico é aquela percepção imediata do *algo*, do ser que fundamenta todas as nossas percepções, a supra-realidade da qual não se pode fugir, pelo próprio ato de percebê-la. Como diz Mário, o ôntico é o “fato de ser”, o “primum notum” dos escolásticos, a primeira nota do real. O ser está em tudo, se revelando nas menores experiências. Quando perguntado sobre o que é a realidade, o mímico abrirá os braços num movimento abrangente, girando sobre os seus pés, lhe dizendo que *o mundo é isto*. Por sua vez, o pensador buscará em sua mente um conceito, uma idéia que seja capaz de exprimir minimamente o que é este ser. Este é o ontológico, o *ontos*intermediado pelo *logos*, o ser discursado, adequado a um esquema que possa ser compartilhado por diferentes intelectos.

**TODA FILOSOFIA É UMA FILOSOFIA DO SER**

O trajeto da filosofia na história é o trajeto da investigação do ser, conforme bem mostra Mário em sua obra Ontologia e Cosmologia. Como todo trajeto penoso, ele se apresenta repleto de curvas e acidentes, subidas e descidas, afirmando e negando, reunindo e separando. Em particular no ocidente, já buscavam os pré-socráticos o “grande incondicionado”, a natureza profunda das coisas. É um grande erro moderno pensar que na *arche* dos pré-socráticos existisse apenas uma realidade física; segundo Mário, esta confusão se deve à falta de compreensão da esquemática e da simbólica grega, que costumava apontar o ontológico através do concreto, porque não possuía ainda um vocabulário filosófico especial. Ora, pelo menos desde Hesíodo os gregos já buscavam os referentes simbólicos da suma existência! Em Tales, por exemplo, o princípio não era a água dos rios e mares, e sim a água enquanto símbolo da *arche* da vibração, do princípio plástico; em Heráclito, o princípio não era um fogo abstrato como que retirado de uma fogueira, mas o símbolo da fluidez, da dinamicidade, da ação e da iluminação.

Com Pitágoras é que se inaugura uma nova fase, mais refinada, mais conceitual. Para ele, os números encontrados nas coisas indicam proporções, harmonias, símbolos dos *arithmoi archai*, os princípios supremos, não se tratando, assim, de uma reles matemática quantitativa (fundada em abstrações de terceiro grau), como muitos imaginam.

Em seguida, temos Parmênides, grande místico que viria a ser uma figura essencial no prenúncio de uma ciência ontológica, ao transportar para o discurso poético a idéia do ser como absoluto, perfeito, eterno e positivo. É ele o primeiro a afirmar que o “o ser é, e o não-ser não é”. Parmênides já nos alertará também sobre a aparência enganosa da realidade, que desdobra como que um véu entre nós e o ser infinito.

Vêm os atomistas mecanicistas da estirpe de Leucipo e Demócrito, e logo depois os gregos irão descambar na primeira grande *crisis* da filosofia ocidental: o movimento cético e a decorrente suspensão (epoche) dos estudos sobre o Ser. Para a nossa sorte, houve quase que imediatamente uma reação socrática, esplendorosa em seu resgate do pensamento positivo grego, levando-o por fim ao auge, através de Platão e seu maior discípulo, Aristóteles.

Não busca propriamente o estagirita alçar-se ao transcendental da ordem cósmica, tanto que chega a afirmar a eternidade incondicionada do mundo, que seria rechaçada por Tomás de Aquino, mas, dentro dos limites de sua postura empirista, construiria a magna ontologia de sua época. Aristóteles chamava a esta ciência de *prote philosophia*, a “filosofia primeira”, ou de *theologike episteme*, a “ciência divina”. Esta seria também a *prima philosophia* dos escolásticos e a Ontologia ou Metafísica Geral dos nossos tempos.

**O SER CONCRETO EM ARISTÓTELES**

**A concreção entre ato e potência**

A antinomia entre unidade e multiplicidade, entre ser e devir, encontrada tão claramente nos pré-socráticos, irá permanecer no dualismo metafísico de Platão e será enfim concrecionada em Aristóteles. Ao conciliar as noções de determinabilidade e de determinação, Aristóteles realizaria a grande concreção da filosofia que lhe precedera [**1**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota1).

O que é o ato? O ato é o ser em sua eficiência, é o ser “sendo”. Todo ato, enquanto ato, é perfeito, porque é eficiente. O ato é a determinação. [**2**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota2)

A potência é a sua capacidade de produzir (ativa) ou de receber (passiva), é o ato possível, ou, mais fundamentalmente, o ser possível. Todo ser que não é o absoluto é um ser condicionado, portanto possível. A potência é o determinável.

Diferente de Deus, que é infinito, perfeito, que está sempre em ato, todo ser natural atualizado foi antes um ente possível. A oposição entre possível e real não é antinômica, mas antagonista, pois, como diz Mário, “o atual é o cumprimento de uma possibilidade”.

Mário lista em “Ontologia e Cosmologia” seis categorias de ato, dentre as quais há duas importantíssimas no sistema aristotélico: o ato misto, que é o híbrido entre ato e potência e que constitui o fato em geral (“no existir cronotópico, todo ato é potêcia de um outro ato”), e o ato puro, que é Deus, o Ser, o Motor Imóvel de Aristóteles.

**A concreção entre os princípios e as categorias**

Com Aristóteles surge o famoso princípio da não-contradição, que diz que o ser é ser e não pode não ser sob o mesmo aspecto. Afirma o estagirita que este é o mais certo de todos os princípios, não podendo ser provado, pois está implícito em toda prova que se tente. O ser nunca é falso, a falsidade é apenas lógica.

Seguem-se imediatamente deste princípio mais dois princípios ontológicos: o princípio da identidade, que diz que o ente é o que é, e o princípio do terceiro excluído, segundo o qual não há um meio entre ser e não-ser.

Os princípios ontológicos são o que Mário chama de transcendentais supra-categoriais, pois são as primeiras modalidades em que se incorre o Ser, seus conceitos primordiais.

A partir deles é que se aplicam as categorias, que são todas as modalidades (predicados) que se podem atribuir ao ser e aos seres. As categorias são “as maneiras de ser do ser”. Há primeiro uma categoria fundamental, a do ser como existente per se, a **substância**;os modos de ser dessa substância são as outras nove categorias: quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, situação, hábito, ação e paixão (determinabilidade).

Os princípios ontológicos e as categorias da substância provêm da eficacidade do ser em ato, enquanto as nove categorias (acidentes) se dão no campo dos seres híbridos, em ato e potência. Os princípios surgem de per se do próprio ser, enquanto só faz sentido falar em modalidades acidentais quando no mundo das potências, do devir. O fato de um determinado gato ser ele mesmo é inescapável, porque subordinado aos princípios ontológicos, que surgem da perfeição do ato, mas o fato daquele gato andar, ou cair, ou miar, é um acidente, algo que se dá na natureza, onde ato e potência se concrecionam. [3](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota3)

Portanto, todo ser é um ser que é e é um ser que acontece.

**A concreção entre substância primeira e substância segunda**

Define Aristóteles o ser concreto (*synolon*), em seu máximo sentido, como um híbrido entre:

* 1) substância primeira (*ousia próte*) – a matéria, o ser individual.
* 2) substância segunda (*ousia deutera*) – a forma.

A matéria é a substância individualizante, a que está no sujeito, é a essência dele. A forma é a substância universalizante, a que *se diz do* sujeito. Toda substância sub-siste, é por si, e toda substância sub-está, recebe acidentes. Tudo quanto é finito é produto dessa oposição (já milenarmente aceita). Como diz Mário Ferreira, a essência em Aristóteles é o “fundo do ser”.

Na sua análise em “Lógica e Dialética”, Mário diz que, nos seres, a *ousia prote*é a tese, e a *ousia deutera*a antítese. A substância para Aristóteles é teticamente invariante, mas antiteticamente variante, resolvendo assim o problema da individualidade [**4**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota4) da coisa em si e de sua generalidade enquanto participativa em uma série [**5**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota5). Aristóteles realiza a síntese entre o universal e o individual em um ser, escapando das aporias em que caiu o seu mestre Platão [**6**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota6). Aquela árvore é, enquanto ser individual, ela mesma e não pode ser outra, possui qualidades próprias, peculiaridades, mas, enquanto árvore, ela compartilha sua forma com outras árvores, e, enquanto planta, divide com outras plantas o mesmo gênero.

Todo ser é em si e é em outro. Assim se formam os conceitos, que reúnem aspectos em comum entre diferentes seres. [**7**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota7)

**A concreção no ato lógico**

Aristóteles, nos “Primeiros Analíticos”, afirma claramente que tudo o que fundamenta um silogismo é algum tipo de identidade [**8**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota8). Mesmo os silogismos que resultam de termos contrários ou não aplicáveis ao mesmo sujeito são redutíveis a uma figura silogística em que há uma identidade mínima. Quando o espírito silogiza, ele busca ligar dois termos através de um terceiro termo relacional.

Se não pudéssemos estabelecer relações entre as coisas do mundo, não haveria tangência alguma entre os seres. Mas, pelo contrário, como já se demonstrou, mesmo os seres mais ontologicamente distintos da realidade possuem pelo menos uma coisa em comum: o fato de ser.

Define Aristóteles o silogismo (*syllogismòs*) basicamente como o discurso (*lógos*) do qual, ao se afirmar determinadas coisas, segue-se necessariamente algo que não se afirmou. Ou seja, todo o afirmar do real, por mais necessário que seja, não esgotará o real, porque toda a afirmação implica outra afirmação, uma vez que todos os seres são análogos, dividem uma mesma base. Em todo ser atualizado, há um ser em potência, virtual, “escondido”, e é preciso considerar este aspecto sempre que se quiser evitar cair em abstratismos. É daí que se irá reinvidicar o papel da Dialética, sem a qual a Lógica torna-se uma ciência extremamente árida e restrita.

*“A análise do ser é inesgotável, porque a análise do concreto é sempre inesgotável. Nunca diremos tudo que podemos dizer de alguma coisa.”*

Assim, todo ser se refere a outro ser.

**O SER CONCRETO EM AQUINO**

Terminado o ciclo da cultura e da filosofia grega, a Metafísica decai, erguendo-se o Império Romano do panteísmo estóico, da alma-mundo e do eterno retorno que influenciará o gnosticismo. Findada essa nova crise, os primeiros séculos da era cristã verão o espírito filosófico retomando o seu vôo sobre a aridez do deserto. Na cauda do neoplatonismo, recomeça-se a busca de uma profunda simbólica alegórica, uma imageria capaz de fornecer uma visão mais íntima através dos símbolos, abrindo novamente o caminho místico para a “visio essentia Dei”, a contemplação direta de Deus. A filosofia se reaproxima do ponto de concreção quando Agostinho subordina toda a realidade e a ação do homem a uma única, infinita e maravilhosa verdade, que é Deus. O trajeto da ontologia parece agora dirigir-se convictamente, sem tantos desvios, rumo a uma nova concreção, que promete ultrapassar a rigidez grega através do vigor e da dinâmica do Espírito Santo.

Essa promessa se realizará finalmente na Escolástica, quando uma nova ciência, a Teologia, irá ocupar o lugar da Metafísica como supremo campo do conhecimento. Mário diz que esta cisão se deu porque os escolásticos perceberam que “a transcendência do ato puro, ontologicamente examinado, não alcança a totalidade da transcendência do ser infinito, que já é tema fundamental [da teologia]”. Fez-se, assim, uma prudente distinção, porque o Deus cristão não é um objeto, mas o termo, a causa final, a conquista do ser humano.

O cume da ciência ontológica na escolástica se dá com Tomás de Aquino, a quem cabe, na cultura ocidental, segundo Mário, “o mesmo papel que coube à Aristóteles no ciclo cultural grego: realizar a grande concreção das positividades da filosofia até então enunciadas”. O que Aquino realiza é uma síntese poderosa e genuinamente cristã entre Aristóteles e Platão, superando ambos com sua ontologia de Ser e Essência. Ao reunir a metafísica de ato e potência e a teoria platônica da participação, o Doctor Angelicus elevou a ontologia ao seu auge, livrando-se de problemas que pareciam antes insolucionáveis.

Tomás, ao se debruçar sobre a obra aristotélica, não se preocupava em reconstruir a sua doutrina ou ser um mero comentador. Ele efetivamente tomou a filosofia de Aristóteles como o seu ponto de partida para um empreendimento superior, que se dirigia a uma realidade que o próprio Aristóteles não fora capaz de abarcar. No maravilhoso edifício ontológico do estagirita, faltava ainda arrematar os andares superiores. Tão digna empreitada seria obra do Doutor Angélico da Igreja.

**A filosofia é concreta porque o Ser é concreto.**

Já no princípio de sua magistral Suma Teológica, Tomás deixará muito claro o quanto o conhecimento depende da realidade e o quanto a realidade depende do Ser. Em outras palavras, a existência de Deus, de um ser infinito, incausado e perfeito, é a questão primordial de toda e qualquer filosofia que se diga verdadeira. Toda investigação intelectual começa pelo encontro dessa base sólida de onde se irá partir. O próprio conhecimento é impossível senão como efeito da verdade. Como diz Mário em sua Ontologia e Cosmologia:

*“Inserto no ser, todo o nosso espírito funciona na afirmação, porque até quando negamos, procedemos apenas uma recusa, que é ainda um ato, portanto afirmativo.”*

Deus é, assim, o problema dos problemas filosóficos. O ser é o ponto de partida e o ponto de chegada para qualquer ação humana.

**A concreção entre a semelhança e a diferença**

De todo ente, pode-se dizer que ele seja ou distinto ou semelhante a outro. Não pode ser ele totalmente distinto de qualquer ente, pois, do contrário, ambos fariam parte de realidades completamente diferentes. Mas os entes participam do ser, e não pode haver mais de um ser, porque ele é uno, perfeito e absoluto. Não há nada diferente daquilo que *é*.

Por outro lado, como nos mostra Mário Ferreira, admitir que os seres sejam unívocos, isto é, que possuam uma identidade entre si, nos levaria ao monismo, que admite uma única realidade, podendo cair no panteísmo (Deus é a única realidade), no materialismo (a matéria é a única realidade) ou no idealismo (o pensamento é a única realidade).

Como vimos em Aristóteles, todas as coisas podem se predicar, por participarem de uma mesma realidade, que é o ser. Todo grau de ser afirma algo do ser que está em outra modalidade do ser, pois todos *são*, ocorrem sobre a mesma base. Em mais uma de suas brilhantes explicações, resume Mário: “A analogia é a síntese entre a semelhança e a diferença.”

A lei da analogia é uma das grandes realizações do tomismo. Além de fundamentar a noção de participação e de *actus essendi*, ela assegura a presença do múltiplo no um, distinguindo o ser absoluto dos seres relativos sem violar-lhes a unidade total. Há, assim, como que “vestígios” de Deus em todas as suas criaturas [**9**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota9).

Essa lei será exemplarmente aproveitada por Tomás de Aquino para provar como o homem não é capaz de possuir conhecimento unívoco de Deus.

**A concreção entre ser e ente**

O que nos mostra Tomás de Aquino? Que, exceto o ser, todo o resto está em potência, pois só o ser é o ato incriado, infinito e absoluto. Como coloca a escolástica, se o *de que é* (*quod*) muda, o *que é* (*quid*) permanece sempre o mesmo. Se o real não é estável, ele, porém, *é*, e suas modalidades *são*. Instala aqui o *Doctor Angelicus* uma nova categoria transcendental para tratar das modalidades do ser: o ente (*ens*, *entis*, particípio de *esse*, ser).

O ente é, assim, no tomismo, o que *tem* ser (*ens est habens esse*), o que *participa*dele, o ser enquanto criatura. O ser absoluto, por sua vez, é o predicado máximo, mais simples e mais essencial, a unidade que subjaz a todo indivíduo, grupo e universalidade; o ser é o criador imanente e transcendental, porque não há nada que lhe escape, nem nada que o contenha plenamente. É, como diz Mário, “o sujeito de todos os atributos e atributo de todos os sujeitos”.

Este ser é o ato puro de Aristóteles, o ato que nada tem a realizar que não a si próprio, porque completo, perfeito e infinito, prescindindo de qualquer potência. Nele não há possibilidades a serem esgotadas. Abarcando a teoria da participação platônica, Aquino diz que um ente será mais perfeito, mais digno, enquanto mais participar do ser, e mais participará do ser conforme tiver mais de ato e menos de potência. Como aponta Mário, os entes são como “marcas e fronteiras” do ser, já que cada coisa que percebemos e experimentamos é uma modalidade, um grau do absoluto. O mundo acusa o ser.

*“E por que tudo se conexiona? Porque tudo precisa de tudo, e o ser é a voz do ser que fala em tudo; que fala através do afã de todas as coisas; que fala nesse suceder, nesse querer infinito de mais, nesse desejo búdico de fusão com ele, quando libertados já de todos os limites e de todas as fronteiras.”*

Lançando mão da morfologia latina, o filósofo brasileiro constrói em “Ontologia e Cosmologia” um esquema muito didático para ilustrar essa mecânica tomista. A palavra *exsistentia*nos revela o prefixo *ex* ligado ao termo *sistentia*, particípio presente do verbo *sisto*, que significa colocar-se, estar de pé, fixar-se, etc. Nas palavras *existência*,*insistência*, *persistência*, etc, somente o prefixo se modifica, enquanto o prefixado ***sistência*** permanece. Conforme Mário, “tudo é sistência, enquanto ser, mas é prefixado enquanto acontece”.

Os números, por exemplo, são **per-**sistentes (2 é sempre 2), mas não **re-**sistentes, pois não sofrem ações e reações, como os corpos, e nem **sub-**sistentes, pois não recebem acidentes (platônicos e pitagóricos irão discordar neste ponto). Os seres físicos, por sua vez, são **re-**sistentes, **per-**sistentes e**ex-**sistentes. Por serem mais prefixados, são entes mais determinados e mais imperfeitos.

A sistência é o Ato Puro, ou o que Mário chama de tensão pura, conceito que será de importância central em sua Teoria Geral das Tensões. O ente é, por sua vez, a “sistência prefixável”, aquilo apto a existir realmente. Uma “tensão que pode”, para a qual Mário cunhará o termo “potensão”. [**10**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota10)

**A concreção entre ente ser é inteligibilidade**

Se o ser é análogo, cada modalidade do Ser é semelhante a qualquer outra. O pensamento sempre poderá se referir a um ente através de outro ente. Portanto, a verdade ontológica do ente é a sua inteligibilidade. Esta inteligibilidade é que funda a verdade lógica, a qual, através da dialética bem fundada, leva à concretude de um ente.

**A concreção entre essência e existência**

Importantíssima distinção herdada de Aristóteles, a dualidade essência e existência é, analogamente ao ato e potência, uma dualidade que rege a ordem dos possíveis, do mundo subordinado à causa primeira e final e onde atuam os seres contingentes. Aquino refinará essa dualidade, tornando-a uma das noções centrais de sua metafísica.

A essência é, no sentido metafísico, a individualidade da substância e, no sentido lógico, indica a *qüididade*, ou seja, a substância abstraída intelectualmente da substância individual e que permite compará-la com outras substâncias individuais que compartilhem esta *qüididade* abstraída. Assim, ao ver um cão *terrier* ao lado de um cão *labrador*, noto intuitivamente que há uma forma que eles compartilham, uma essênciacão. De acordo com a minha vontade, poderia abstrair uma  *qüididade*animal, e compará-los enquanto animais, ou fazer a abstração de um gênero superior, e compará-los enquanto *corpos*, ou abstrair mais ainda e compará-los enquanto *entes*. Mas, “abaixo” de todas estas formalidades destacáveis, continuaria havendo um indivíduo único (o “supósito”) que não é só um cão *terrier*, mas uma reunião de inumeráveis aspectos particulares. As formalidades nos permitem conceituá-lo e compará-lo a outros entes, mas ele se nos apresenta como um indivíduo único.

A essência é, portanto, a união concreta realizada entre a substância primeira (*ousia prote*) e a substância segunda (*ousia deutera*) dos seres em Aristóteles. Para Aquino, a essência não é tão-somente forma, nem só matéria, como afirmava o estagirita, mas ambas, mesmo quando apenas a forma cause o seu ser. Há, por exemplo, uma essência da fênix, mesmo que ela não exista.

*A* existência é o que resulta do ato de ser (*actus essendi*), do fato de *algo haver* e das coisas participarem deste algo que sempre há. O ato de ser é aquilo pelo qual algo existe. A existência é um “estar aí”, uma *ex*-sistência, ou, como põe Mário, o “fato de ser” da essência.

A existência e a essência distinguem-se nas criaturas, pois por mais que um ente se modifique em outro, o ser continuará subsistindo. Por mais que novas potências sejam realizadas, o ato permanecerá. Só em Deus é que não há essa dualidade, só n’Ele o ser e a essência se identificam, pois Ele é puro ato, a existência em sua perfeição. “Eu sou aquele que sou”.

Todo ente possui essência e existência, que se identificam absolutamente no Ser.

**A concreção entre ser e unidade**

Vimos em Aristóteles que a primeira propriedade do ente é a sua unidade ontológica, balizada nos princípios ontológicos, ou transcendentais supra-categoriais. Como afirma a escolástica, *ens et unum convertuntur*, o ser e um se convertem.

Explica Aquino que a unidade é o ser enquanto indiviso e positivo. A unidade finita é distinta de qualquer outra unidade finita. O armário termina onde começa o não-armário.

A unidade é também a coerência e a inteligibilidade um ente (só se podem comparar coisas que sejam distintas e que ao mesmo tempo possuam algum ponto de contato). Ela pode ser simples, indivisível; ou composta, individida em ato, como, por exemplo, um grupo tomado enquanto unidade.

Mário demonstra que a unidade é análoga, porque ela é a síntese entre semelhança e diferença. Na sua Filosofia Concreta, as unidades são tensões.

*“Um ente finito, enquanto é, opõe-se (põe-se ob) ao que quer que seja. Existir finitamente é opor-se, é ser distinto, e é ser, conseqüentemente, determinado. A todo ser finito há sempre algo que lhe é extrínseco, que é também ser, pois o nada não lhe é extrínseco, porque não tem positividade (não é tético, de*thesis*, posição). O ser infinito é distinto por transcendência. A ele nada se ob põe, porque fora dele não há nada. É distinto dos seres finitos por transcendência em razão da sua absolutuidade. O finito é distinto do finito por oposição, e do infinito por privação. O infinito é distinta do finito por transcendência.”*

**A concreção entre ser e verdade**

Na esteira da escolástica, diz Aquino: “todo ser é verdade” (*ens et verum convertuntur*).

Ora, dada nossa imperfeição e finitude, a verdade nos é também análoga. Assim, a distinção entre ser e verdade é uma distinção real-relacional, feita na mente. Como já afirmava Santo Anselmo, a verdade é o que é, e a adequação do intelecto ao que é.

Havia, por isso, na escolástica dois modos de distinção: a real, *extra mentis*, e a de razão,*intra mentis*. Com a escola tomista, surge um terceiro modo de distinção: a distinção de razão *cum fundamento in re*, com fundamento na coisa. Esta modificação é o que efetivamente concreciona o conhecimento, pois considera a distinção formal entre diferentes objetos de uma mesma realidade, acidentalmente ou não.

Assim, os aspectos animal, racional, espiritual, livre, mortal se distinguem na razão, mas se identificam todos na mesma essência, a do homem. Se as formalidades fossem apenas mentais, o realismo moderado do aristotelismo-tomismo cairia no nominalismo, o grande erro que embalou a filosofia moderna.

O grande empreendimento de Mário nesse sentido é realizar uma síntese entre a distinção especial de São Tomás e a distinção formal de Duns Scotus [**11**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota11), dividindo o conhecimento entre *ante rem*(antes da coisa), *in re* (na coisa) e *post rem*(após a coisa). Os esquemas concretos do ontológico encontram-se em um meio-campo, uma *metaxy* [**12**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota12)entre o esquema essencial da realidade ôntica, que lhe fundamenta desde o ser, e os esquemas noético-abstratos, que lhe alimentam desde a atividade intelectual. Assim, todo conhecimento é um conhecimento fundado na coisa e modelado pela razão. Sobre estes dois âmbitos, acima de tudo, atua o Ser ininterruptamente.

**A concreção entre ser e bondade (valor)**

Assim como o ser, a bondade é ao mesmo tempo absoluta, enquanto perfeição, e relativa, enquanto perfectibilidade dos entes que dela participam. Quanto mais de ato, quanto mais perfeito um ente, mais ele é desejável. Por isso Deus é o maximamente desejável. Por isso se deseja mais a um cachorro do que a uma pedra.

Mário emprega o termo correspondente da axiologia moderna: o **valor**, afirmando que “todo ser é um valor na proporção que é, e desejável segundo sua perfeição”.

Todo ser é valor. O ser absoluto é o valor incondicionado, e os entes são os valores condicionais/relacionais, ou o que o filósofo brasileiro chama de “valores de variância”.

**O SER CONCRETO**

Como vimos, o ser é o conceito mais abstrato e também o mais concreto de todos. O ser é infinito não só em extensão, mas em compreensão, pois ele abarca tudo que é, em todos os tempos e acima deles. O ser é a “concreção suprema”, englobando toda a possibilidade que existe em sua infinitude. A verdadeira metafísica, a verdadeira ciência ontológica, toma o ser concretamente, “em toda sua densidade”, sem jamais considerar as abstrações do espírito como realidades físicas. Ao contrário das caricaturas idealistas e realistas que lhe sucederam, o ontologia concreta de Aquino, fundada na maturidade racionalista de Aristóteles, procura penetrar em toda a “exuberância concreta do ser”, para usar a expressão de Mário.

*“O ser suplanta o abstrato e o concreto. E tudo isso faz-nos pensar na ingenuidade de querer aumentar abismos, no querer aprofundar demasiadamente a crise entre a ciência, a filosofia e a metafísica? Não é isso uma revelação de um desejo acósmico de ruptura, quando ela não se pode dar no ser que tudo inclui?”*Ontologia e Cosmologia*, p. 44-45*

Por mais que a abstração seja um caminho necessário ao entendimento, não podemos jamais negar a nossa experiência do ser em sua asseidade, em sua “pathência universal” [**13**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota13). Os maiores filósofos da história foram aqueles capazes de sentir e de alguma forma expressar esta universalidade do Ser, desde os místicos mais obscuros e simbologistas até os metafísicos racionalistas do porte de Aristóteles e Tomás de Aquino. Há, no filosofar, estes dois caminhos aparentemente inconciliáveis entre a via racional e a via mística, que se ficarem à mercê de espíritos revoltosos, orgulhosos, passionais, sempre acabarão na ruptura ilegítima e perigosa do real, que tanto condenou a filosofia moderna. Há nas subidas e descidas do espírito um ponto ótimo de convergência [**14**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota14). Como Parmênides já nos demonstrou há 2500 anos, o Ser não se divide, nem tem começo, nem fim, porque o ser é, e o não-ser não pode ser. O todo é uno, é positivo, é absoluto.

Fica, assim, claríssima a superioridade da filosofia aristotélico-tomista diante de seus irmãos menores e travessos da era moderna. Há, desde o fim da escolástica, um acovardamento da alma filosófica, um recuo impressionante da consciência, que busca deliciar-se com a contemplação de si mesma, rompendo o máximo que pode a sua familiaridade com as coisas, com o mundo, que não lhe é mais simplesmente algo obtuso e desafiador, mas insuportável e opressivo. O júbilo do pensador moderno é ser justamente esse “pensador”, esse ser que só pensa, que só conexiona idéias, por mais rasas que eles sejam, recusando-se terminantemente a saltar para o nível superior, o da compreensão, que Platão ressaltava [**15**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota15).

Enquanto os gregos e os medievais se maravilhavam ao testemunhar o espetáculo da realidade, os modernos irão querer montar o seu próprio teatrinho, cujo acesso cabe somente aos que aplaudirem as suas extravagâncias. O homem nascido no Renascimento é o homem do humanismo, o homem cujo princípio e fim é a sua própria essência, a sua *quididade*. Ora, revogando a verdade suprema que lhe causa e a quem ele deve sua perfeição, o que impede o homem de formular a sua essência como bem lhe aprouver? Não há mais um elefante para cada cego agarrar-lhe uma parte e dar a sua versão do animal, mas os cegos estão em desvario, gritando por aí: “eu sou o elefante!”. Porque esta é afinal a grande concretização da era moderna, o grito da “consciência individual”, um grito lancinante de quem morre no vazio e estridente para quem sofre a imposição da sua ontologia megalomaníaca.

A era moderna é a era das brumas agnósticas e dos vórtices niilistas. É a era que nos mostra o quão covarde e ao mesmo tempo insolente pode ser o homem. Renunciando o seu lugar no mundo, negando a condicionalidade de sua essência, o homem transforma a verdade numa idéia absurda, num acidente da razão. O Ser, aquele Deus, é um mito, uma fábula para criancinhas, o Ser sou eu e o que eu achar que é melhor ser. O mundo torna-se um mundo dos sonhos, onde tudo o que for idealizado têm potência para se atualizar, principalmente a inexistência do próprio mundo. A realidade é para o homem moderno conforme o seu apetite. O que são as revoluções e as ditaduras sangrentas dos últimos três séculos se não um resultado de tal postura? [**16**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota16)

Colocada diante dessa pletora de sistemas confusos, arroubos idealistas e louvores apaixonados pela escuridão do nada, a filosofia do absoluto em Aristóteles e, especialmente, em Tomás de Aquino, resplandece como mil sóis a iluminar o universo da ciência humana.

O que fazem estes dois gigantes é por às claras o quanto o pensamento se submete ao ditame universal do ser. Todo pensar tem a sua referência fundamental nos entes. Nenhuma conteúdo noético tem um fundamento em si mesmo, do contrário seria um ente per se, o que é absurdo. O próprio sujeito cognoscente é um ente, e como tal, não existe por si mesmo, mas divide com todos os outros entes uma origem calcada no ser absoluto. Como bem coloca o tomista brasileiro Sidney Silveira ao criticar o cartesianismo, a diferença radical entre a Aquino e Descartes se dá na diferença entre uma “ontologia em terceira pessoa”, com origem no ser, e uma “ontologia em primeira pessoa”, com origem no “eu”. [**17**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota17)

A negação da imersão do sujeito no ser, como que lançando-o para um universo à parte, numa espécie de dualismo monstruoso de cariz luciferiana, é o que iria descambar na doença gnoseológica de Kant, que afirma que nada podemos conhecer da coisa-em-si exceto a ciência de que não podermos conhecê-la [**18**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota18)**.**

Tomás e a maior parte dos grandes filósofos que o precederam sabiam muito bem que a realidade é necessariamente modelada pelo sentido interno, isto nunca foi novidade [**19**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota19).

Mas se há essa adequação, é porque há algo para ser adequado, algo captado pelo sentido externo. Como provado há milênios, não é possível os seres participarem da realidade sem haver uma mínima tangência entre ente e ser. É contraditório um ser contingente ser por si mesmo, e absurdo ele ser criado puramente pela vontade. A filosofia moderna será uma filosofia de um espírito doente, esquizofrênico, e orgulhosa desta sua pneumopatologia [**20**](https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/#Nota20).

A grande realização da Escolástica, com seu cume em Tomás de Aquino, foi dar ao homem uma realidade ainda mais ativa e concreta no universo. Pela fé na verdade e pela razão ativa, o sujeito se redescobre integrado no absoluto, algo que ele já tinha como assegurado no próprio ato de existir e de testemunhar o real. Quando o homem descortina as leis, as regras, as instâncias que definem os entes desde sua raiz no absoluto, o caos do mundo recebe uma infusão de coerência e harmonia.  E quando o homem realiza a síntese destas descobertas, abre ele uma via expressa à plena verdade. O espírito diminui o frenesi de subidas e descidas pelo espetáculo do mundo, e o coração se abranda.

A filosofia concreta é a condição não só para a ascensão espiritual da humanidade como para suas grandes realizações científicas. Jamais as rupturas inconseqüentes, os negativismos e as suspensões foram responsáveis por qualquer avanço da civilização, senão como referência do que não se fazer. Conforme Mário energicamente afirmava no decorrer de toda sua grandiosa obra,  a positividade, a afirmação, a reunião, a concreção é que engrandecem a filosofia e que possibilitam a realização do homem. Porque, afinal, Deus, princípio e fim de todas as coisas, é positivo, afirmativo, uno.

E concreto.

**Notas**

1. O padre tomista Frederick Copleston diz em seu *History of Philosophy*que o conceito de ato e potência aristótelico foi um grande resposta à Parmênides, porque dava realidade à mudança do Ser sem romper com a sua unidade, perfeição e eternidade.

2. O ato se revela na sua própria atividade, é a essência da atividade, ele não exige contrário para afirmar-se, é “eficacidade pura”. Mário sintetiza o conceito de forma muito bela: “o real é o ser em ato”.

O *cogito* de Descartes pode perfeitamente se traduzir em: “penso, logo há ato”. Mas não é o sujeito que dá ser a este ato, diz Mário, e sim o ser absoluto.

“O ser é o próprio ato; não é imóvel, mas imutável; é móvel e imóvel, como a chama de Buda (…) É ele um mistério para a filosofia e cabe à Teologia nele penetrar. (…) Tudo o que conhecemos dele é símbolo, como o ser.”

3. As categorias são regidas pela dualidade do ser (ser/não-ser, um/múltiplo, mesmo/outro, semelhante/dessemelhante, igual/desigual, ato/potência) e por cinco relações (predicáveis): gênero, espécie, diferença, propriedade e acidente. Em seus trabalhos finais, notando que algumas das categorias pareciam se sobrepôr entre si, Aristóteles chegaria a reduzi-las a três: substância, qualidade e relação (submetendo a quantidade à qualidade, coisa que Mário desaprova em sua Filosofia Concreta).

4. A *haeccidade*. Do lat. *haec*, esta, “estidade”. É a qualidade de ser *haec*, isto aqui. Todo esquema concreto de um ser é a sua *haeccidade*.

5. Tão forte é o desejo grego pela solidez e segurança, que o estagirita será levado a considerar a matéria como pura possibilidade, deixando toda a atividade do real a cargo da forma, o que, segundo Mário, redundará em certos problemas, a serem resolvidos na sua *Teoria Geral das Tensões*.

6. Desde Hesíodo já se afirmava simbolicamente esta dualidade um/múltiplo. Presente em todo o ciclo cultural grego, será da responsabilidade de Aristóteles aperfeiçoá-la.

7. O problema dos universais será um dos debates centrais da filosofia medieval.

8. Final do capítulo 28 do livro I dos “Primeiros Analíticos”, quando é tratado o método de seleção de premissas em problemas particulares.

9. Para utilizar a expressão do grande agostiniano São Boaventura.

10. É por isso que se pode dizer que o tempo é como uma manifestação interna do ser. O nada absoluto nunca pode haver, porque o nada não possui eficacidade de ser, não possui “potensão”, *não é*. É em sua graduação que o ser se nos apresenta como um *continuum*, como uma sucessão de atos e potências. Cada momento do ser é uma tensão entre determinado e indeterminado, uma síntese entre ato e potência, como já demonstrado em Aristóteles. No tomismo, o ser *é*,  enquanto o ente *está*. (vê-se o quão concreta é a nossa língua portuguesa ao fazer esta simples distinção).

11. A distinção formal escotista é aquela que existe entre dois objetos *realmente* idênticos, mas em que um implica algo diferente do outro. A roda, por exemplo, é distinta do seu rodar. Argumenta Mário que esta não é uma mera distinção conceitual, como afirmam os seus opositores.

Há duas origens para uma distinção formal: a mente ou a realidade. Se elaborada apenas pela mente, cairíamos no nominalismo. O que faz o filósofo brasileiro é identificar a distinção formal com a distinção *cum fundamento in re* dos tomistas, porque ambas se fundam no paralelismo entre a ordem do conhecimento e a ordem do ser.

Mário é um grande defensor de diversos aspectos da filosofia escotista, que, segundo ele, foi em geral mal compreendida devido à sua profundidade e sutileza (não por menos que Duns Scotus recebeu a alcunha de *Doctor Subtilis*).

12. Vejamos a significação de metaxy nos dois pilares da filosofia grega.

Aristóteles, nos *Analíticos Primeiros*, cap. 27 da parte I, ao explicar a construção dos silogismos, afirma que há um limite ascendente no processo de predicação, isto é, há predicados últimos, e que os indivíduos (as substâncias individuais, *haeccidades*), por sua vez, não podem predicar outras coisas. A palavra *metaxy* (μεταξύ) é utilizada pelo estagirita para distinguir essa ordem onde se encontram “as coisas intermediárias entre os universais e os individuais”, e que propriamente fundamentam os argumentos lógicos e a investigação.

Para o seu mestre Platão, a palavra *metaxy* é o “entremeio” no qual se encontra o homem, que vaga por entre o estrato superior e o inferior da realidade. Como coloca Eric Voegelin em seu *Order and History* (tradução minha):

*“O avanço ‘dialético’ através dos fenômenos da*Metaxy*reduz a compactação da primeira verdade e permite que o*arche*divino seja distinguido como o*Nous*divino que está presente na busca do homem pelo seu lugar no mundo”.*

A *metaxy*éa tensão da existência humana, a maior causa de sua angústia, como ilustrado no princípio deste artigo. É esta tensão que inspira o sujeito à filosofia concreta, de modo a atingir o conhecimento superior e uma existência mais digna.

13. A “pathência” é o que Mário define como o saber sensível, o saber afectivo, da consciência que recebe a ação do Ser. É uma assimilação aos “esquemas do sensório-motriz”. É um “saber da sensibilidade”. Toda pathência pode ser intelectualizada, servindo como objeto de conhecimento à operação cognisctiva. Segundo o filósofo brasileiro, afetividade e intelectualidade humanas não são totalmente heterogêneas. Somos homens concretos, inteiros, e vivemos numa realidade concreta.

A nossa percepção do *algo*, disto que *é*, este saber ôntico, é a afecção primordial do conhecimento, porque é a primeira coisa que age sobre nós. O real é o primeiro a nos impressionar.

14. Portanto, não é cabeça o centro do homem, e muito menos o seu ventre dos apetites, mas o coração, o ponto de equilíbrio do corpo humano. Na Kabbalah, a harmonia é representada por *Tipheret*, o sephirah de número 6, coração e centro da Árvore da Vida, onde se encontram e interagem as energias dos outros *sephiroth*.

É poderosa também a analogia com a cruz de Cristo, como bem demonstra Chesterton:

*“(…) a cruz, embora tenha em seu coração uma colisão e uma contradição, pode estender os seus quatro braços para sempre, sem alterar a sua forma. Por conter um paradoxo em seu centro, ela pode crescer sem se modificar.” (*Orthodoxy*, cap. 2, tradução minha).*

15. Ao final do livro VI da República, assim que Platão expõe o bojo de sua gnoseologia, Glauco, o seu interlocutor, sintetiza muito bem o que acabara de aprender:

“Compreendo-te em parte, mas não satisfatoriamente, porque tratas de um tema muita difícil. Queres estabelecer que a conhecimento do ser e do inteligível, que é adquirido pela ciência da dialética, é mais claro que aquele que é adquirido pela que denominamos ciências, as quais possuem hipóteses como princípios. E certo que aqueles que se consagram às ciências são obrigados a utilizar o raciocínio, e não os sentidos. No entanto, visto que nas suas investigações não apontam para um princípio, mas partem de hipóteses, julgas que eles não têm a inteligência dos objetos estudadas, mesmo que a tivessem com um princípio.

Parece-me que denominas conhecimento discursivo (*dianoia*), e não inteligência (*nous*), a geometria e outras ciências do mesmo gênero, considerando esse conhecimento intermediário entre a opinião e a inteligência.”

16. Platão já nos dava esta lição há 2400 anos. No oitavo livro da sua República, traça o caráter do homem-modelo do regime tirânico: uma consciência mergulhada em apetites e orgulho, desejando-se livre de qualquer controle sobre a sua razão. A loucura, a embriaguez, a concupiscência e a megalomania tornam-se seus guarda-costas. Dominado por uma turba de diferentes desejos, o homem é levado ao frenesi diante do mundo que parece não se submeter à sua “liberdade de consciência”.

Como bem afirmavam todos os grandes filósofos antigos e medievais, liberdade não é escolher no que se acredita. O homem só possui liberdade quando conhece os caminhos que pode seguir. Quanto mais preso ao mundo terreno, mais atolado o espírito na incerteza, e mais suscetível a alma aos vícios.

17. <http://contraimpugnantes.blogspot.com/2008/10/descartes-o-comeo-de-uma-inverso-ii.html>

18. Houvesse Kant compreendido Aristóteles, teria evitado cair em erro tão elementar, poupando a humanidade das mais grosseiras e perigosas abstrações sobre o real, as quais os séculos seguintes infelizmente legaram. O sistema trágico do alemão de Königsberg afasta a inteligência humana de sua própria matéria-prima, dando ares fantasmáticos para as categorias da razão. Ora, o que diz Aristóteles? Que não podemos pensar se não tivermos sobre o que pensar. E o que mais seriam as categorias, senão uma ponte entre a inteligência e o mundo? Esta é uma das grandes concreções realizadas pelo estagirita, conforme expomos neste artigo.

Todo o empenho descomunal do espírito aristotélico-tomista em harmonizar sujeito e objeto, conceito e substrato, forma e matéria, seria simplesmente rasgado em uma bifurcação cujos caminhos, tornado independentes, a nada levam, exceto a um pensamento pueril e perigoso.

É com essa *crisis*, com essa ruptura do filosofar que Mário irá se deparar no século XX, e que o levará a uma busca incessante e um empreendimento descomunal por uma nova concretização do pensamento humano.

Em um artigo futuro, exporemos as principais teses de Mário contra Kant em sua obra “As Três Críticas de Kant”.

19. Vejamos, por exemplo, o que dizia Santo Anselmo em seu Monológio: “Ninguém, pois, duvida que as substâncias criadas sejam em si mesmas bem distintas daquilo que elas são no nosso conhecimento. Com efeito, elas em si mesmas existem pela sua própria essência, enquanto em nosso conhecimento existem não pelas suas essências, mas pelas suas semelhanças (imagens)”.

20. Termo utilizado por Eric Voegelin para designar as doenças do espírito.